

VOCALIZAÇÃO DO TEXTO POÉTICO: UMA EXPERIÊNCIA NA LINGUAGEM

VOCALIZATION OF THE POETIC TEXT: A LANGUAGE EXPERIENCE

Marlete Sandra Diedrich¹
Laércio Fernandes dos Santos²

RESUMO: Este artigo tem como tema a vocalização do texto poético escrito concebida como uma experiência na linguagem, na particularidade do Projeto Invasão Cultural, uma proposta constituída por *performances* poéticas vocalizadas em espaços escolares. A investigação busca refletir, a partir da análise de dizeres de dois participantes protagonistas da experiência, sobre os arranjos enunciativos decorrentes da vocalização, uma vez que, via mobilização da voz, novas significações se presentificam na particularidade do discurso poético. O trabalho se pauta na abordagem enunciativa benvenistiana, e a concepção poética assumida se volta para os arranjos singulares e inusitados da língua-discurso. Os resultados mostram que a experiência de vocalização do texto poético evoca sentidos particulares vivenciados na historicidade do sujeito na linguagem e exerce importante papel na sua constituição.

Palavras-chave: Vocalização; Invasão Cultural; enunciação.

ABSTRACT: This article thematizes the written poetic text conceived as an experience in language in the particularity of the Culture Invasion Project, a proposal constituted by poetic performances in school spaces. The investigation reflects on the enunciative arrangements resulting from vocalization based on the analysis of the sayings of two protagonists of the experience, since, through the mobilization of the voice, new meanings are constructed in the particularity of poetic discourse. The work is guided by Benveniste's enunciative approach and the poetic conception assumed turns its gaze to the singular and unusual arrangements of the language-discourse. The results show that the experience of vocalization of the poetic text evokes particular meanings experienced in the historicity of the subject in language and plays an important role in its constitution.

Keywords: Vocalization; Cultural Invasion; enunciation.

¹ Doutora em Letras (Estudos da Linguagem - Teorias do Texto e do Discurso) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - RS, Mestre em Letras pelo PPG Letras da Universidade de Passo Fundo-RS; professor da rede municipal de Passo Fundo e da rede estadual do Rio Grande do Sul.

1 Palavras iniciais

A reflexão que aqui apresentamos é derivada de um esforço de pesquisa marcado pelo íntimo diálogo entre Linguística e Poética, por ocasião do desenvolvimento de um trabalho que culminou na dissertação *Invasão cultural: uma experiência de vocalização do texto poético* (2020). Esclarecemos que a concepção de Linguística aqui assumida se estabelece sobre o estudo da linguagem humana e das línguas, o que permite pensarmos na Poética como parte deste estudo, voltada para a arte verbal em sua manifestação literária, conforme proposta de Roman Jakobson (2007). A pesquisa encontrou na vocalização do texto poético seu interrogante e motivou a discussão que aqui apresentamos, a qual coloca em relevo um dos aspectos abordados na dissertação defendida em 2020. Nosso tema, neste artigo, volta-se para a experiência de vocalização do texto poético escrito concebida como uma experiência na linguagem. Temos o objetivo de refletir, a partir da análise de dizeres de participantes protagonistas de uma experiência de vocalização do texto poético, sobre os arranjos enunciativos decorrentes da vocalização, uma vez que assumimos a ideia de que, via mobilização da voz, novas significações se presentificam na particularidade do discurso poético.

Nossa incursão teórico-metodológica se dá pelas vias enunciativas, mais especificamente, pela concepção de enunciação na perspectiva de Émile Benveniste. Vemos a concepção enunciativa benvenistiana inserida num modo de o linguista em questão pensar língua e linguagem. Por essa razão, convocamos conceitos benvenistianos que nos ajudam a pensar sobre a incursão humana na linguagem, da qual a enunciação é parte fundamental. Nessa rede conceitual, buscamos situar a vocalização do texto poético num trabalho que se volta para a relação entre teoria e empiria, no entrecruzamento de conceitos e manifestações discursivas concretas.

Na busca de realizar o propósito que apresentamos, organizamos o artigo da seguinte forma: após estas considerações iniciais, apresentamos o Projeto Invasão Cultural, motivador da realização investigativa empreendida; na sequência, buscamos o fundamento teórico que sustenta nosso olhar de pesquisadores e dita os rumos da pesquisa enunciativa no limite que a ela damos no universo enunciativo benvenistiano. É nesse universo que apresentamos a concepção de vocalização do texto poético como experiência de significação, ilustrada com registros do dizer de dois protagonistas do Projeto; percurso que nos permite chegar às considerações finais.

Linguística e Poética, assim, encontram-se, nesta reflexão, num íntimo diálogo, na busca de realização do que afirma Jakobson (2007, p. 121): “A linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções.” Ousamos propor que estudar a manifestação poética da linguagem seja decisão necessária para quem almeja pensar na linguagem como constitutiva da condição humana, tal qual proposto por Benveniste (1989; 2005).

2 O Projeto Invasão Cultural

O Projeto intitulado “Invasão Cultural” é realizado em turmas do Ensino Médio de escolas públicas de Passo Fundo - RS. A proposta tem como objetivo principal proporcionar aos

estudantes envolvidos a vivência significativa na e pela linguagem através da vocalização do texto poético. Para entendermos o Projeto Invasão Cultural e seu alcance, é mister que esclareçamos, em linhas gerais, como ele nasceu. A ideia surgiu a partir do olhar de um professor pesquisador para a necessidade de melhorar sua prática pedagógica no ensino da língua e literatura. O descontentamento deste professor pesquisador com o continuísmo de um ensino na área das Linguagens pautado tão somente na memorização de regras e de períodos literários o levou a buscar uma alternativa de proposta que levasse em conta o que, acreditamos, seja a essência da linguagem: a experiência de significação.

Tal experiência pode ser vivenciada de muitos modos, mas, desde os estudos de Roman Jakobson, é possível entender que as interrogações sobre a linguagem em sua manifestação poética “são necessárias para uma compreensão global da língua em suas funções de instrumento de comunicação recíproca e de conhecimento pessoal”. (JAKOBSON; POMORSKA, 1985, p. 130). Focamo-nos, na esteira de estudos de Jakobson, na possibilidade de reconhecimento do texto poético como especial expressão da linguagem humana. Esse reconhecimento perpassa a concepção de língua e literatura do Projeto Invasão Cultural e se projeta nas ações desenvolvidas há mais de dez anos.

O trabalho realizado mobiliza a escola, sem dúvida, mas também extrapola os muros escolares, uma vez que é apresentado em muitos outros espaços culturais da cidade de Passo Fundo - RS. A proposta de trabalho, que tem como culminância a vocalização, por estudantes do Ensino Médio, de textos poéticos escritos, apresentados a públicos diversos, já é conhecida pela comunidade passofundense e região, uma vez que as “invasões culturais” promovidas ocorrem em muitos eventos artísticos e literários. Trata-se de uma “invasão” porque os protagonistas da ação entram em salas de aula e espaços em geral sem aviso prévio, realizando suas *performances* vocais. Estamos usando a palavra “*performance*” para nomear a recitação dos textos pelos protagonistas do Projeto, ação constituída pelo dizer em sua manifestação plena, carregado de entonações, olhares e gesticulações de corpos e faces, muitas vezes, transformados pela maquiagem, o que lembra muito o trabalho da arte teatral. A vocalização, neste Projeto, não envolve a leitura de textos escritos, mas sua recitação teatralizada. O emprego da palavra “*performance*” é motivado pela leitura que fazemos da obra de Zumthor (2010). É este autor (2010, p. 31, grifo do autor) que afirma: “A *performance* é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é, simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”. Zumthor (2010) discute este conceito ao abordar a oralidade poética. Segundo o autor, há um jogo de aproximação que se realiza na *performance* poética, o qual envolve também o autor do texto poético e o locutor que se manifesta, além do destinatário, realidade que permite a união da situação e da tradição. A poética da oralidade, para Zumthor (2010), envolve toda comunicação poética em que transmissão e recepção passem pela voz e pelo ouvido. São essas duas operações que, para o autor, definem a *performance*. Acreditamos que a definição cobre bem o ato de vocalização do texto poético no Projeto Invasão Cultural.

É no universo deste Projeto, portanto, que encontramos os elementos necessários para pensarmos a temática a que nos propomos neste artigo. É importante, agora, que deixemos claras as concepções teóricas advindas dos estudos enunciativos benvenistianos, as quais guiam nosso olhar. Dedicamos a próxima seção a esse propósito.

3 A vocalização do texto poético escrito: uma experiência enunciativa

Partimos do princípio de que a experiência na linguagem está diretamente ligada à

experiência de significação. Com esse princípio, associamo-nos a Émile Benveniste, linguista que teoriza acerca do papel da linguagem na constituição humana, com o argumento de que a linguagem está na definição do homem; logo, não se concebe homem sem linguagem. Esse argumento abre possibilidades de pensarmos, como já o fizeram autores da área, com destaque para Flores (2013) e Silva (2019), na propriedade simbólica da linguagem, a base da significação. Em nossa reflexão, perguntamo-nos: como se dá a significação na experiência de vocalização do texto poético vivenciada no Projeto Invasão Cultural?

Segundo Benveniste (1989), na enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, “que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, pp. 83-84). Trata-se da língua colocada em funcionamento por um ato individual do locutor. A relação que une língua e locutor só é possível em função de sua propriedade simbólica, uma vez que, ao mobilizar a língua e suas possibilidades de arranjos, o locutor se relaciona com essa língua e com a capacidade que ela tem de representar o mundo, real ou imaginário. No caso específico dos arranjos poéticos, essa representação se dá na especificidade do dizer, subvertendo, muitas vezes, a significação do signo no sistema e instaurando uma nova realidade simbólica no universo singular do poético. A questão se torna um tanto mais complexa se levarmos em consideração que o emprego de um símbolo envolve a formação do conceito como uma abstração, distinto, portanto, do objeto. É essa capacidade simbolizante que possibilita a representação da realidade.

Registramos que a ideia de representação, para Benveniste (2005, p. 26), está associada à concepção de renascimento, de reinvenção: “Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento.” O mundo, assim, submetido à organização da linguagem, permite a capacidade criadora que se manifesta na mobilização do poético. Na especificidade do poema, segundo Dessons, Neumann e Oliveira (2020), as palavras não funcionam como signos e, bem ao contrário, opõem-se às palavras-signos da “linguagem ordinária”, as quais garantem a universalidade de seu valor. Trata-se, sim, de novas significações advindas dos arranjos discursivos poéticos. Para Diedrich (2020, p. 125), “há um deslocamento do valor das formas do semiótico, domínio no qual uma entidade é reconhecida como signo, para o semântico, domínio no qual há a comunicação intersubjetiva da experiência singular de cada enunciação”. É no domínio da comunicação intersubjetiva, no qual parceiros se unem pela vocalização, que o sentido se realiza nas formas do discurso poético.

No caso do Projeto Invasão Cultural, o poético se atualiza na vocalização sempre renovada dos seus protagonistas. A cada ato de “invasão”, forma e sentido são revisitados para, na relação de emissão e percepção vocal, constituírem nova enunciação. É de Benveniste (1989) a concepção de que a enunciação pode ser estudada a partir de três aspectos: a realização vocal da língua, a semantização da língua e o quadro formal da enunciação. Em nossa discussão, focamo-nos na realização vocal da língua. Pensar na realização vocal da língua na especificidade da realização do poético pelas lentes da concepção enunciativa benvenistiana implica aprofundarmos a noção de atualização constitutiva de cada ato de vocalização característico das *performances* do Projeto Invasão Cultural.

Santos (2020), em sua dissertação de Mestrado, já referida, deriva da abordagem benvenistiana o conceito de “vocalização”, ao qual nos associamos na reflexão aqui apresentada. Para definição de “vocalização”, o autor parte do “aspecto vocal da enunciação” para chegar à afirmação de que “no ato de vocalização do texto poético, o locutor se apropria do escrito e assume, via arranjos vocais particulares, o papel de sujeito, efetuando-se, assim, a re-novação do discurso” (SANTOS, 2020, p. 16). No percurso teórico traçado pelo autor entre os termos, a ideia de atualização se faz sempre presente.

É importante lembrarmos que Benveniste (1989, p. 82), na verdade, não usa a expressão “aspecto vocal da enunciação”. No célebre texto “O aparelho formal da enunciação”, encontramos a referência à “realização vocal da língua” como um dos aspectos a partir dos quais pode ser estudado o grande processo da enunciação. Trata-se, portanto, da realização vocal da língua vista no escopo da enunciação, como um dos aspectos da enunciação:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais procedem sempre de atos individuais que o linguista surpreende sempre que possível, numa produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 1989, p. 82)

Nesses atos individuais – as enunciações – os sons não são simplesmente reproduzidos, como ecos, mas são atualizados como decorrência das relações enunciativas que permitem a vocalização.

Diedrich (2015), ao tratar do aspecto vocal da enunciação, entende ser necessário discutir os conceitos de emissão, percepção e situação à luz da teoria benvenistiana. Assim, a autora lembra que, no texto “O aparelho formal da enunciação”, a ideia de emissão está relacionada ao fato de o locutor se apropriar dos sons da língua e enunciá-los à sua maneira, o que constitui a subjetividade da enunciação fônica, na qual o *eu* da enunciação se marca. Nessa realidade, a emissão dos sons da língua recebe a impressão de traços individuais decorrentes das situações nas quais a enunciação é produzida, o que coloca em relevo a singularidade do aspecto vocal da enunciação.

Já o conceito de percepção convoca a presença do outro, do *tu*, na enunciação, uma vez que, desde o momento em que o locutor assim se declara e assume a língua, “ele implanta o *outro* diante de si” (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo do autor). Logo, se há uma singularidade na emissão dos sons da língua, decorrente da subjetividade com que o locutor se apropria dos elementos vocais, é compreensível que se reconheça também a singularidade na recepção desses sons, o que marca a relação de intersubjetividade entre *eu* e *tu*.

Também o conceito de situação, referido por Benveniste, exerce papel no estabelecimento das diferenças de cada enunciação fônica do mesmo sujeito que se apropria dos sons da língua. Situação, assim, é entendida como a instância de discurso em que a enunciação acontece: o aqui-agora de cada enunciação, definido pela relação entre *eu* e *tu*.

Com essa concepção, Diedrich (2015) conclui que, ao propor a possibilidade de se estudar a realização vocal da língua como um aspecto da enunciação, Benveniste (1989) apresenta uma ideia que vem se opor ao que vinha se fazendo, na época, no universo dos estudos fonéticos e fonológicos, pois o autor afirma que o aspecto vocal não é visto em relação ao fenômeno geral da enunciação. Ou seja, os estudos em torno da realização vocal da língua, pautados na Fonética e na Fonologia, buscam, em geral, as regularidades dessa realização. O que propõe o linguista, entretanto, diz respeito às singularidades desse fenômeno, o qual precisa ser visto como um dos aspectos do grande processo que é a enunciação. Somente assim “a realização vocal da língua” referida por Benveniste (1989, p. 82) assume seu estatuto de aspecto em relação ao fenômeno geral da enunciação. Por isso, reiteramos o que afirma Diedrich (2015, p. 45) acerca do aspecto vocal da enunciação: “coloca em evidência a realização vocal da língua no discurso, marcada pela subjetividade do locutor que se apropria das unidades da língua e as enuncia à sua maneira na instância enunciativa, na relação intersubjetiva com o outro da enunciação.”

Destacamos, desta concepção, duas questões, em especial: a primeira delas diz respeito às figuras *eu-tu*, uma vez que o locutor sempre enuncia para um outro, realidade que se atualiza a cada ato enunciativo; a segunda questão se volta para os arranjos vocais da língua enquanto sistema, consequência das combinações das unidades linguísticas, o que, certamente, representa certa estabilidade e recorrência, mas que, justamente por se tratar do poético, pode subverter o próprio sistema e colocar em evidência a dependência de formas e sentidos deste sistema à particularidade do discurso. É na relação com o *outro* que se dá a comunicação de significados evocada pela emissão vocal, permitindo que o outro acesse, em algum nível e de alguma forma, os acontecimentos e as experiências compartilhadas.

No centro dessas relações, encontra-se a função mediatizante da linguagem, uma vez que os parceiros da enunciação se encontram unidos pela emissão e pela percepção dos elementos vocais: a linguagem “torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro” (BENVENISTE, 2005, p. 30). Essa experiência só é possível em função de “uma determinada língua, própria de uma sociedade particular, não numa emissão vocal comum à espécie inteira” (2005, p. 30). É, portanto, a constatação da função mediatizante que nos move à afirmação de que a vocalização do texto poético é um ato enunciativo e que, por isso, é sempre novo, mesmo que o texto escrito vocalizado seja o mesmo.

Juchem (2017), em sua tese de doutorado, já havia apresentado uma definição de vocalização a partir da reflexão enunciativa acerca da realização vocal da língua em situações de leitura de texto escrito produzido por estudantes em sala de aula. Para a autora (2017, p. 28), “A vocalização do escrito é um meio pelo qual se chega a uma (re) escrita em voz alta, que nasce no instante mesmo em que o texto é vocalizado”. Também para Juchem (2017), a singularidade que marca a enunciação ganha destaque, especialmente, nas três instâncias colocadas em foco: a escrita, relacionada ao texto escrito; a voz, atrelada à vocalização do escrito; e a escuta, associada à recepção da vocalização. Assim, na concepção da pesquisadora, a vocalização do escrito ressignifica o discurso escrito, envolvendo novos sentidos e novas referências. Ela afirma isso com base na ideia de que aquele que lê junta e separa unidades do que lê a partir do sentido que confere ao ato de leitura.

No caso de nossa investigação, assumimos um objeto de investigação distinto do proposto por Juchem (2017): não se trata da leitura, uma vez que, como já informamos, os protagonistas do Projeto Invasão Cultural não leem os textos poéticos escritos, mas executam *performances* pautadas na vocalização de um texto guardado na memória e evocado a cada novo ato. Nosso objeto de interesse, portanto, recai sobre a *performance* de vocalização do texto poético. Mas apoiamo-nos no trabalho de Juchem (2017) no que diz respeito às três instâncias de vocalização por ela apontadas:

Instância 1 – as relações implicadas entre o que se vocaliza e o que está de fato escrito, as quais nem sempre são coincidentes, uma vez que o texto vocalizado representa uma nova enunciação.

Instância 2 – a voz que perpassa o ato de vocalização e que coloca no centro da experiência o locutor e sua relação com a língua e com o texto poético escrito, particularizando o discurso com sua entonação sempre singular.

Instância 3 – a escuta do que é vocalizado, a qual implica o olhar para o outro da enunciação, na relação da intersubjetividade que constitui a enunciação.

Assim, como já defendido por Santos (2020), a vocalização do texto poético na experiência de linguagem vivenciada no Projeto Invasão Cultural permite a passagem de locutor a sujeito da linguagem, uma vez que a maneira como cada um vocaliza o texto poético revela um

modo particular de se relacionar com a língua na particularidade do discurso. Acerca disso, entendemos que o ato de vocalização, portanto, está associado ao que Flores (2013, p. 115) apresenta sobre o conceito de sujeito da enunciação e sua relação com o conceito de sintaxe da enunciação: “O sujeito da enunciação advém do ato de tentar afunilar o sentido. Essa tentativa de afunilar requer e, por isso mesmo, produz uma *syntaxe d’énonciation*”. Em nossa proposta, a sintaxe da enunciação se dá a conhecer na vocalização do texto poético, como uma “tentativa de afunilar o sentido” por meio de operações específicas marcadas no vocal. Afinal, segundo Benveniste (1989, p. 21), “A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite.” A vocalização do texto poético é considerada, dessa forma, uma conquista intelectual permitida pelo manejo da língua.

Para melhor apresentarmos nossa incursão investigativa sobre a vocalização do texto poético, direcionamos nosso olhar, na seção a seguir, para dois exemplos ilustrativos do dizer dos protagonistas da experiência de vocalização.

4 A experiência de vocalização do texto poético no dizer dos protagonistas do Projeto

Nossa investigação se volta para o dizer daqueles que participaram da experiência do Projeto Invasão cultural, na busca de ilustrarmos a experiência singular vivida por eles, via mobilização da voz, entendida em nosso trabalho como uma experiência de significação na particularidade do discurso poético. É importante esclarecer que esses protagonistas são estudantes de escola estadual participante do Projeto e que seus dizeres compõem o corpus da dissertação de Santos, já referida. Acerca da produção e coleta desses dizeres, salientamos que foram geradas a partir de entrevistas realizadas com os protagonistas do Projeto em situações espontâneas de conversação, conduzidas pelo professor pesquisador.

Destacamos que não apresentamos aqui os resultados da investigação, a qual envolveu um número maior de dizeres resultantes de um trabalho com mais protagonistas do Projeto. Esses resultados constituem a pesquisa de Santos (2020). Nosso propósito, nesta seção, é mais singular: do universo total dos dados analisados por Santos (2020), destacamos apenas dois recortes, os quais são vistos numa relação de proximidade com o que Flores (2015, p. s93) concebe como “testemunho da experiência do falante enquanto falante-ouvinte”. Temos clareza de que Flores (2015) concebe a noção de testemunho a partir do estudo que faz da materialidade significante da voz. Acreditamos que, em nossa concepção, a noção de testemunho é alargada, alastrando-se para a experiência de vocalização do texto poético como um todo, uma vez que o falante, no trabalho em questão, tece comentários sobre o ato vivenciado e sobre as particularidades de significação dele constitutivas.

Os dizeres foram produzidos durante a realização do Projeto Invasão Cultural. Os protagonistas do projeto, estudantes do Ensino Médio, foram convidados a participar de entrevistas informais com o pesquisador. Assim, os dois registros que selecionamos advêm dessas entrevistas, realizadas durante o período em que os dois estudantes em questão participaram do referido projeto. Trata-se de segmentos selecionados das entrevistas realizadas e ilustram, em nossa proposta, os sentidos particulares advindos da experiência de vocalização do texto poético nos limites do Projeto Invasão Cultural.

Registro 1

“[...] a cada apresentação em escolas eu me apaixonava cada vez mais pela arte e pela liberdade que ela trazia consigo, e graças a ela pude perceber que poemas não foram feitos para se ler, mas para se vivenciar na pele cada letra, palavra e frase sua”.

Registro 2

“apresentar nossos poemas para pessoas que não conhecíamos foi diferente, ao menos comigo, porque ao citar a poesia, eu podia sentir e de certa forma pegar a emoção deles e transformar numa obra, elas, atentas aos nossos gestos, os olhares e lábios mexendo, prendendo toda a atenção na nossa apresentação, não era somente a citação de algum livro, era amor, paixão envolvida”.

Os dois registros apresentados ilustram a evocação de sentidos particulares vivenciados pelo falante que protagoniza a experiência de vocalização do texto poético no Projeto Invasão cultural. Os sentidos evocados estão atrelados, principalmente, à presença do falante no dizer poético, marcado pelo ato de vocalização. Na vivência deste ato, a cada nova apresentação, o sentido se particulariza, porque é sempre dependente não apenas das formas enunciadas pelo poeta primeiro, autor do poema, mas é dependente, principalmente, conforme destacam os registros, do outro para quem se vocaliza, o que coloca em cena o elemento de escuta. Acerca da escuta, lembramos a reflexão de Milano (2017, p. 29): “A voz, essa que atravessa o texto e se constitui como sentido para o outro, é, antes de tudo, efeito. Voz é efeito de escuta no outro.” Esse efeito, portanto, é colocado em evidência no registro dos estudantes.

Também é Milano (2020, p. 82) quem nos lembra que “a voz é emprestada” aos textos, o que, no relato dos protagonistas do Projeto Invasão Cultural, se encarrega de renovar, no próprio ato e sempre na relação com a escuta do outro, o dizer e o próprio texto poético mobilizado neste dizer. A significação do poético se realiza, dessa forma, na efemeridade do empréstimo da voz na instância discursiva, a qual convoca também o corpo que enuncia, revelado, no registro 1, pela referência à “pele”: “para se vivenciar na pele cada letra, palavra e frase”; assim como na referência a “nossos gestos, os olhares e lábios mexendo, prendendo toda a atenção na nossa apresentação”, conforme explicitado no Registro 2.

Nesses dizeres, a experiência de linguagem vivenciada pelos participantes aponta para as novas significações que se presentificam na particularidade da vocalização do discurso poético.

Não se trata, no entanto, de elencarmos os conteúdos específicos derivados dessas novas significações, tarefa que poderia se tornar exaustiva e pouco produtiva para os fins propostos em nossa reflexão. Trata-se, ao invés disso, de constatarmos a que se deve a possibilidade de mobilização dessas novas significações. A partir das relações de emissão e percepção implicadas na vocalização do texto poético e ilustradas no dizer dos protagonistas do Projeto, vemos, na escuta do outro, um dos aspectos centrais da experiência na linguagem aqui discutida. Trata-se da relação entre os parceiros da enunciação, estabelecida pela vocalização do emissor e pela escuta do outro. Isso nos leva a afirmar que o locutor, ao se apropriar do texto poético escrito, faz a passagem de locutor a sujeito no ato da vocalização, e isso constitui uma experiência singular na linguagem.

A referida “invasão”, que dá nome ao Projeto, ocorre, portanto, via vocalização do texto

poético: invasores e invadidos constituídos pelo discurso poético mobilizado, *re*-inventado por arranjos vocais dependentes do aqui e do agora do ato de enunciação e da relação entre os parceiros desta enunciação, sempre nova e irrepetível, até mesmo quando o texto escrito parece se materializar da mesma forma no papel.

Os arranjos vocais, assim compreendidos na totalidade do ato de vocalização, desempenham papel de integralizadores do dizer, revestindo as formas da língua de nuances de significação derivadas do ato enunciativo em si. Além disso, são esses arranjos que, na experiência do Projeto Invasão Cultural, permitem a historicidade do homem na linguagem, conforme Dessons (2006), já que cada falante se individualiza na instância de discurso em que o texto poético é mobilizado.

5 Considerações finais

Ao final desta exposição, relembramos que nosso objetivo de refletir sobre os arranjos enunciativos decorrentes da vocalização do texto poético nos fez olhar para os dizeres de participantes protagonistas do Projeto Invasão Cultural. A análise desses dizeres nos permite chegarmos às seguintes considerações:

- a) A experiência se singulariza a cada “invasão”, uma vez que é na pele que se vivencia “cada letra, palavra e frase” na relação com o outro.
- b) A vocalização do texto poético liga existências marcadas pela “paixão envolvida”, presentificada nos arranjos vocais que marcam a *performance* executada no ato enunciativo.

Essas duas considerações exercem importante papel no cumprimento da orientação do que apregoou Benveniste: “Nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua.” (BENVENISTE, 2005, p. 99). A experiência de vocalização do texto poético é uma experiência de linguagem, vivenciada na particularidade de uma língua cujos arranjos vocais se singularizam a cada dizer. Na passagem de locutor a sujeito da linguagem, cumpre-se a historicidade do sujeito: os protagonistas do Projeto imprimem suas marcas vocais, seus arranjos entonacionais e gestuais a cada dizer, renovando sua história particular com a língua viva e renovando-se a si mesmos a cada nova “invasão”.

Por fim, não se sabe mais quem é o “invasor” e quem é o “invadido”, dado o fato de que também o protagonista da ação se sente tomado por uma língua cuja força significativa lhe invade e é capaz de lhe mostrar os “deslimites da palavra” (BARROS, 1993) poética vocalizada. E desses deslimites, certamente, o poeta é quem melhor sabe dizer:

Não oblitero moscas com palavras.
Uma espécie de canto me ocasiona.
Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu de gramáticas.

Só sei o nada aumentado.
 Eu sou culpado de mim.
 Vou nunca mais ter nascido em agosto.
 No chão de minha voz tem um outono.
 Sobre meu rosto vem dormir a noite.
 (BARROS, 1993, P. 47)

Referências

- BARROS, M. de. *O livro das ignoranças*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- DESSONS, G.; NEUMANN, D.; OLIVEIRA, G. F. Émile Benveniste e a arte do pensar. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol. 18, n. 34, 2020. pp. 374-380. Trad. Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/1457ff192482bd3502697aeb4f10340d.pdf>>. Acesso em: 25/03/2022.
- DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.
- DIEDRICH, M. S. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. 2015. 148f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- DIEDRICH, M. S. O poético que se instaura no vocal: a experiência da criança na linguagem. *Revista Desenredo, Passo Fundo*, v.16, n. 1, pp. 114-126, jan./abr. 2020. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10694>>. Acesso em: 20/02/2022.
- FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola Editorial. 2013.
- FLORES, V. N. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, pp. s90-s95, dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23143>>. Acesso em: 10/03/2022.
- FLORES, V. N. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *Delta: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, v.29, n. 1, pp. 95-120, 2013. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/delta.v29i1.8623>>. Acesso em 05/04/2022.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 2007.
- JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. *Diálogos*. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JUCHEM, A. *Por um saber sobre a escrita na interdependência entre atos enunciativos na universidade: a (re)escrita em voz alta*. 206f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2017.
- MILANO, L. O sertão em voz alta. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, pp. 31-39, maio/ago.

2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/signo.v42i74.8677>>. Acesso em 05/03/2022.

MILANO, L. Literatura em voz alta compartilhada: a alteridade como espaço de escuta. In: FISCHER, L. A.; OROFINO, M. (org.). *Literatura na vida: experiências de ler e escrever na educação e na saúde*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, pp. 6-20. Disponível em; <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222514>>. Acesso em 05/03/2022.

SANTOS, L. F. *Invasão cultural: uma experiência de vocalização do texto poético*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2020.

SILVA, C. L. C. Significar para se instaurar na língua materna: vestígios da reflexão da criança na linguagem. *Linguística*, Montevideo, v. 35, n. 2, dic. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S2079-312X2019000200059&script=sci_arttext>. Acesso em: 05/04/2022.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: 11/04/22

Aceito em: 13/08/22